



## Os sentidos de comunidade em uma RadCom na web<sup>1</sup>

Gisele Sayeg Nunes FERREIRA<sup>2</sup>

### Resumo

Partindo da análise de uma emissora comunitária na *web* ([www.radiopoleiafm.com.br](http://www.radiopoleiafm.com.br)) e de levantamento realizado junto a ciberouvintes em Palestina, SP (cidade onde a Rádio Poléia FM está sediada), este artigo propõe refletir sobre os sentidos de *comunidade* a partir do digital, bem como sobre as possíveis contaminações e apropriações de um meio no outro (analógico e digital). O objetivo é discutir em que medida a RadCom digital leva a uma mudança de características de comunidade e de planos comunitários distintos, ampliando as formas de participação e interação *da* e *na* comunidade.

### Palavras-chave

Rádio comunitária; Comunidade; Rede; Remediação; Interação

### 1. Uma rádio comunitária: os sentidos de comunidade

Essa integração [a ida a Palestina de um grupo de ouvintes-internautas de São Paulo, capital] talvez até possa desvirtuar, mas por outro lado, faz a minha comunidade se impor a outras. Porque a gente sendo pequenininho desse jeito e as grandes cidades sendo grandes potências de mídia, elas empurram a cultura delas e os acontecimentos delas goela abaixo. A gente expandindo, eu estou expandindo a *minha* cultura e fazendo com que ela sobreviva. Agora, ter somente a grande mídia massacrando a pequena e a nossa mídia sendo super-restrita não há sociedade que sobreviva ao massacre cultural de uma outra maior. Diga-se de passagem, os índios. A idéia é essa: é expandir para poder sobreviver. Não estou falando sobreviver rádio, mas sobreviver a *minha* comunidade, manter vivas as nossas tradições. (...) É um jeito de expandir a *minha* comunidade, a *minha* cultura, a *minha* localidade. (Hadailton José Teixeira, dirigente comunitário)<sup>3</sup>

O fragmento acima é a resposta do presidente da Associação do Desenvolvimento Artístico, Cultural e Social Palestina (de Palestina, SP), Hadailton José Teixeira, a um dos questionamentos que movem este artigo: afinal, que sentido têm comunidade e comunitário a partir do contexto do digital? Hadailton deixou explícito uma noção de comunidade vinculada à noção de pertencimento: “*minha* cultura, *minha* localidade”. A partir desta noção, o que significa pertencer a uma comunidade? A

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Mídia Sonora, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação e Semiótica (PUCSP), mestre em Ciências da Comunicação (ECA-USP), professora da Universidade Anhembi Morumbi (SP), integrante do Grupo ESPACC (Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura). Email: [gisele.sayeg@gmail.com](mailto:gisele.sayeg@gmail.com)

<sup>3</sup> Entrevista concedida em 18 de julho de 2008.



possibilidade de a Rádio Comunitária Poléia FM (dirigida por Hadaílton) ser acessada de qualquer ponto do mundo a partir da rede mundial de computadores não feriria os princípios ordenadores, que motivaram o surgimento das “rádios comunitárias”?

Quando fala em “integração”, Hadaílton se refere a um acontecimento específico: a participação de ouvintes-internautas de São Paulo, capital, na programação analógica da emissora e a visita dessas pessoas a Palestina. A interação tanto virtual como física dão a justa medida de como uma pequena cidade se insere na dinâmica da digitalização. Se por um lado, o exemplo pode “perturbar” a noção de comunidade, por outro, pode ajudar a refletir sobre a polissemia e os novos/outros desdobramentos do sentido de “comunidade” a partir da lógica do digital.

A emissora, que desde 2005 disponibiliza o áudio da programação *online*, possui vários ouvintes em outras cidades, inclusive em outros Estados e País<sup>4</sup>. Entre os ciberouvintes, há esse grupo na cidade de São Paulo, distante 500 quilômetros de Palestina. São pessoas que compartilham o gosto pela música sertaneja, pelo rodeio e ficam estimuladas pela facilidade de troca de informações afins (entre as quais, oferecer música e ser prontamente atendido, algo extremamente difícil nas grandes redes).

O grupo paulistano, *sem qualquer ligação afetiva ou familiar com Palestina*, ouve a programação diariamente e participa via MSN. “Um [ciberouvinte] do escritório que está na zona leste [em São Paulo, capital] manda música para o outro que está na zona sul de São Paulo, e para o outro que está em Interlagos”, conta Hadaílton. Há dois anos (2008), o grupo acompanhou com interesse, sempre pela Internet, uma promoção realizada pela Rádio Poléia, “Churrasco em sua casa”, que consiste em premiar um ouvinte sorteado com a realização de um churrasco em seu domicílio, animado por uma dupla sertaneja. Os paulistanos não puderam se inscrever no sorteio, mas pediram autorização para participar da festa em Palestina e o fizeram: sem conhecer a cidade ou mesmo a região, lotaram dois carros e foram passar o fim de semana na cidade.

Situações inusitadas como essas nos mostram que há um leque variado de possibilidades de interação e mediação que são abertas pelo digital, ou seja, que a técnica (ainda que não apenas ela) é uma facilitadora. É possível perceber ainda como “o suporte supera a inconseqüência de sua simples base tecnológica, para transformar-se

---

<sup>4</sup> Na primeira etapa da pesquisa, no período de abril/2007 a abril/2008, encontramos mensagens da Inglaterra, assinadas por Elizângela e Devair, entre as quais: “*nós aqui do outro lado do mundo, estamos felizes por contar com vcs pra não ficarmos isolados do mundo. Obrigaduuiu do fundo do coração*” (transcrito como postado). Note-se: eles se dizem “isolados do mundo” sem a rádio Poléia.



em mediação, que se amplifica em ambientes comunicativos e culturais”; como o suporte se transforma, ele mesmo, em meio de comunicação. (FERRARA, 2007, p. 33)

## 2. Nos limites da Lei 9.612-98: a comunidade geograficamente delimitada

Antes de explorar o sentido do termo *comunidade* é preciso discutir alguns indicadores que são, inclusive, determinantes do que venha a ser uma comunidade. Fundada em 1922, o nome *Palestina* teria sido “dado por colonos de origem turca ou palestina”<sup>5</sup> que ali se concentraram. Possui 11.354 habitantes<sup>6</sup> e está localizada na região noroeste do Estado de São Paulo. Com atividade fortemente centrada na agropecuária, apresenta um dos mais baixos indicadores de riqueza, longevidade e escolaridade, segundo dados da Secretaria de Estado de Planejamento<sup>7</sup>.

A localização geográfica merece destaque: a cidade ficou à margem de uma importante via nacional, a BR-153, também conhecida como Transbrasiliana, que corta o País de norte a sul. Ficou fora, por consequência, do principal eixo regional que liga o município-sede, São José do Rio Preto, a Minas Gerais. Ninguém *passa* por Palestina, as pessoas *vão* a Palestina. Ela é um *destino*, deslocado dessa rota tradicional de comércio, de fluxos de mercadorias e pessoas. Pela sua própria configuração, trata-se de uma comunidade mais fechada em si mesmo do que outras cidades do mesmo porte na região e mais “estabilizada”: há décadas, não cresce e nem diminui significativamente. Sem dúvida, é composta por pessoas que se conhecem há tempos, que compartilham os mesmos espaços (públicos e privados). Uma comunidade com laços familiares e de amizade fortalecidos, onde as relações e as trocas culturais se mostram mais *perenes*, ainda que sujeitas ao mesmo bombardeio das grandes corporações midiáticas: o único jornal semanal tem quase cinco décadas; a rádio comunitária é dirigida pela mesma família que há 30 anos administra o sistema de som do município; a cidade mantém vivas as festas e manifestações culturais tradicionais (como catira, festa de reis) etc.

A rádio Poléia FM, por exemplo, começou a operar em 1998, em caráter não-oficial, após a criação da Associação do Desenvolvimento Artístico, Social e Cultural de Palestina. Seu presidente, Hadailton José Teixeira, vem de família com tradição na área

---

<sup>5</sup> Ver o site da Prefeitura Municipal: <http://www.palestina.sp.gov.br>. Acesso em 14 de julho de 2010.

<sup>6</sup> Estimativa IBGE de população residente 2009. Em: <http://www.ibge.com.br>. Acesso 15/07/2010.

<sup>7</sup> Palestina pertence ao Grupo 4 do Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS): indicadores de riqueza, longevidade e escolaridade menos favoráveis. Dados relativos a 2006. Disponível em: <http://www.planejamento.sp.gov.br>. Acesso em 15 de julho de 2010.



radiofônica: durante muitos anos, o pai foi responsável pelo serviço de alto-falante na praça central da cidade. Além de liderar a emissora, ele tem uma empresa de serviço volante de som e de locação de equipamentos sonoros. Sob seu comando, a rádio transmitiu irregularmente, por nove meses, até ser fechada pela Anatel e Polícia Federal. Com a aprovação da Lei de 1998, no mesmo ano, a Associação deu início ao processo de legalização da emissora, o que ocorreu em 2001, já em caráter definitivo.<sup>8</sup>

Criada em 2005, a emissora *online* pode ser acessada em [www.radiopoleiafm.com.br](http://www.radiopoleiafm.com.br). Segundo Hadailton, a Internet vem resolver uma das grandes limitações da radiodifusão comunitária no Brasil: a restrição de sinal. Por lei, o raio de abrangência das RadCom é de apenas 1km a partir da antena transmissora, o que significa, por exemplo, não atender nem um por cento dos 695 km<sup>2</sup> do município. A incongruência legal fica clara quando analisamos o caso do distrito de Duplo Céu, distante 20 km do centro da cidade: o sinal da Poléia praticamente não chega até lá. A Internet, de certa forma, soluciona o problema, como conta Hadailton:

O sinal do dial não chega, [mas] nós já temos ouvintes em Duplo Céu que nos ouvem pela Internet. Pessoas que a gente já adicionou no MSN e que passaram a *interagir* com a rádio. A escola de Duplo Céu está sempre *interagindo* com a gente pelo MSN. O som ambiente na secretaria da escola é da Poléia FM graças à Internet. [Grifos nossos]

As referências acima arroladas descortinam outros itens fundamentais para se pensar a noção de comunidade. Ao mesmo tempo em que associa diretamente o espaço virtual à maior possibilidade de *interação* dos ouvintes-internautas, a fala do dirigente comunitário deixa transparecer a questão da *territorialização* do espaço ocupado pela emissora analógica.

A Rádio Poléia FM é mais uma das milhares<sup>9</sup> de rádios comunitárias que passaram a ter possibilidade de existência legal a partir de 1998 com a aprovação da Lei de Radiodifusão Comunitária 9.612-98. O chamado *Serviço de Radiodifusão Comunitária* determina que as RadCom devem atender a *comunidade* onde estão instaladas, difundindo idéias, elementos culturais, tradições, hábitos locais, estimulando o lazer, a integração e o convívio. Ocorre que do ponto de vista legal, a concepção do

---

<sup>8</sup> A Poléia foi uma das primeiras RadCom do Estado de São Paulo com outorga em caráter definitivo e a de número 56 no Brasil.

<sup>9</sup> Dados da Anatel mostram que já existem no Brasil mais emissoras comunitárias do que emissoras comerciais e educativas operando em FM: são 3.897 RadCom para 2.903 demais emissoras em FM. Números referentes a 2009. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br>. Acesso 15/07/2010.



termo comunidade é restrita, confusa e equivocada. Em seu artigo 1º, a Lei considera que a *comunidade atendida* deve referir-se à área atingida por um serviço de radiodifusão “em frequência modulada, operada em baixa potência [no máximo 25 watts] e cobertura restrita”. Já o Regulamento do Serviço de RadCom determina como cobertura restrita “a área limitada por um raio igual ou inferior a *mil metros* a partir da antena transmissora, destinada ao atendimento de determinada *comunidade de um bairro, uma vila ou uma localidade de pequeno porte*”. [Grifos nossos]

Vejamos o caso da Rádio Poléia FM. Dentre os quase 11 mil habitantes, mais de 1.500 estão na área rural<sup>10</sup>. Ou seja, se considerarmos como *comunidade* apenas aqueles que residem próximo à antena da emissora – conforme estabelece a lei –, mais de 16% dos habitantes que estão na zona rural não se enquadram (ao menos legalmente) na *comunidade palestinese*. A rigor, nem mesmo o morador de ruas situadas nos extremos da cidade poderiam ser classificados como “comunidade da Poléia FM”. E o que diferenciaria o palestinese que reside em Duplo Céu ou em qualquer propriedade rural do município daquele que está a poucos metros da antena da emissora?

A visão restritiva e territorializada do espaço não se limita aos ditames legais. Com base em dados obtidos em pesquisa realizada na região noroeste do Estado de São Paulo com RadCom legalizadas, constatamos que os próprios líderes comunitários “traçam uma associação direta entre comunidade e a cidade e seus moradores. Assim, a definição de *comunitária*, ou seja, *da comunidade* é o mesmo que *da cidade*, do município” (FERREIRA, 2006, p. 261), e que esta noção de comunidade praticada pelas RadCom ao mesmo tempo em que é distinta, guarda profundas semelhanças com a sua definição legal, pois “ambas estruturam o conceito a partir de critérios geográficos” (Id. Ibid., p. 284). Em nenhum dos casos, no entanto, seja na visão legal, seja na visão dos dirigentes comunitários, parece se considerar o sentido de pertencimento, de identificação cultural e/ou de interesses, de coesão entre indivíduos: a lei, em função de suas distorções, e os comunicadores, ao se aterem apenas à área de abrangência.

### **3. Comunidade e sociedade: breve revisão clássica**

O termo *comunidade* é bastante abrangente, polissêmico, afeito a inscrições de sentidos de várias ordens, sendo usado nos últimos anos, sobretudo, para denotar algo

---

<sup>10</sup> Dados do Seade para uma população estimada em 10.906 habitantes, em 2009, sendo 1.670 na área rural. Disponível em: <http://www.seade.gov.br>. Último acesso em 15 de julho de 2010.



que geralmente é bom, uma sensação que remete a “coisa boa” (DOWNING, 2002, p. 73; BAUMAN, 2003, p. 7); uma idéia que remete ao conagraçamento coletivo, entendimento compartilhado e evoca um “espírito comum” (PAIVA, 2007, p. 7).

De origem latina, o termo abriga múltiplas significações: *comunhão* (uma comunidade de interesses afins); *sociedade* (as leis atingem toda a comunidade); *agrupamento* a partir de aspectos sociais, econômicos, culturais ou geográficos em comum; *vinculação profissional* (comunidade médica); *grupos étnicos minoritários*, entre outros. Do ponto de vista social, trata-se de um agrupamento de pessoas com identidades e interesses comuns, cuja forte coesão é baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que a compõem e se organizam dentro de um conjunto de normas que “têm em comum certas características que os distinguem”.<sup>11</sup>

Desde o século XVII, ainda que de modo mais intenso a partir das sociedades industriais mais complexas do século XIX, a palavra comunidade passou a ser pensada a partir de seus sinais distintivos em relação à sociedade, sendo comunidade mais imediata e próxima que a sociedade (WILLIAMS, 2007, p. 103). Nesse sentido, em 1887, Tönnies propõe um modelo dicotômico para pensar os agrupamentos sociais: a comunidade (*Gemeinschaft*), privada e íntima, informal e afetiva, duradoura, relacionada à “vida real e orgânica”; e a sociedade (*Gesellschaft*), pública e formal, passageira e aparente, “estrutura mecânica e imaginária”. Nos dois casos, o agrupamento se dá de forma pacífica. A diferença é que, na primeira forma, a relação entre os sujeitos seria marcada por uma “vontade natural”, que os manteria ligados organicamente; enquanto na segunda, a relação se daria a partir da “vontade racional” ou artificial, conservando seus integrantes “essencialmente separados, apesar de tudo que os une” (TÖNNIES, 1995, p. 252).

Na sociedade, organizada a partir da aceleração do processo de industrialização, as pessoas estariam mais preocupadas com as vantagens individuais e, portanto, as ações empreendidas visariam, sobretudo, atender o próprio interesse. Diferentemente, na comunidade, Tönnies aponta três possibilidades de convivência ou vida comunitária, as três “estritamente ligadas entre si no tempo e no espaço” e construídas a partir de laços de união e de afetividade, da solidariedade mútua e dos valores compartilhados: por parentesco, por vizinhança, por amizade. Ele não via nenhuma forma como a “mais

---

<sup>11</sup> Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Em <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em 15/07/2008



comunitária”, provavelmente por acreditar que a vivência comunitária não poderia prescindir de nenhuma delas (PAIVA, 2007, p. 135).

Como alerta Töttö, “a natureza dos conceitos de Tönnies será compreendida de modo totalmente equivocado, se lermos o conceito *Gemeinschaft* como uma descrição de alguma antiga vida rústica, como faz a maior parte de seus críticos”, uma vez que o conceito diz respeito a uma “certa forma ideal das relações sociais, que não existe como tal no mundo real” (TÖTTÖ, 1995, p. 50) Assim, toda cultura ou sociedade possui os dois elementos (*Gemeinschaft* e *Gesellschaft*) presentes e misturados ao mesmo tempo.

Em resumo, em Tönnies encontramos os três eixos principais sobre os quais ainda hoje se costuma pensar uma comunidade: a que se estabelece a partir de laços de parentesco, envolvendo características intensas de afeto e solidariedade (*parentesco ou consangüinidade*); a comunidade definida territorialmente (*vizinhança ou proximidade*); e aquela que surge pelo compartilhamento de interesses comuns (*amizade ou espiritual*) – perspectiva muito usada nos estudos atuais sobre relacionamentos por meio da tecnologia. O que vemos hoje é uma espécie de “retorno da comunidade” (lançando mão de PAIVA), em função, sobretudo, da necessidade de se repensar a *identidade* diante da globalização e da complexidade do mundo que se nos apresenta. Mas ainda seria possível, a partir do digital, pensar as relações a partir daquelas duas formas ideais (*Gemeinschaft* e *Gesellschaft*) nas relações globalizadas e tecnologicamente mediadas? E o que justificaria esse “retorno da comunidade”?

Segundo BAUMAN, todos temos uma memória *utópica* de felicidade ligada a um “paraíso perdido”, a um sentimento de pertencimento a um grupo, que tentamos reproduzir ao buscar a vida comunitária. Essa concepção de comunidade – que, inegavelmente, tem base em Tönnies – parte do princípio de *entendimento* entre seus membros e não no *consenso*, sobre o qual se apóiam as relações na contemporaneidade: enquanto o consenso é resultado de acordo, negociações e disputas, o entendimento “não precisa ser procurado, e muito menos construído” pois é algo que “já está lá” (BAUMAN, 2003, p. 15). O problema é o estado de decadência dos espaços nos quais se concretiza o consenso ou acordo – a cidade, por exemplo (SENNET, 1988, p. 16).

No mundo globalizado, em que tudo é perigosamente temporário e fluido, em que os relacionamentos e tudo o que nos rodeia se apresentam voláteis e em fluxo, tendemos a manter vivo na memória o ideal utópico da comunidade, como o “lugar



aconchegante”, o “ninho” de conforto e segurança que nos mantém a salvo das ameaças de fora. No entanto, e aqui reside o dilema segundo BAUMAN (2003), ao mesmo tempo em que nos protege, a vida em comunidade impõe uma série de restrições à liberdade individual: o indivíduo precisa dos outros, mas, ao mesmo tempo, teme criar laços mais profundos, que “o imobilizem num mundo em permanente movimento”. Assim, em nome da liberdade individual, resistiríamos à tão ansiada segurança e ao aconchego, vislumbrados na comunidade. À primeira vista, o digital parece pôr fim a esse dilema ao nos dar a impressão de que conservamos a liberdade individual enquanto navegamos por sites, *chats* ou redes. Na realidade, trata-se de uma ilusão: salas de bate-papo e redes de relacionamento (como o Orkut, por exemplo) também possuem regras e moderadores; sites possuem programas que monitoram nossos passos (*spywares*) etc.

O processo de desconstrução da idéia de comunidade e também as causas dos dilemas que hoje nos afligem (a insegurança, a ansiedade, a incerteza), vêm no rastro da formação do Estado moderno, cuja construção implicou na substituição das “velhas lealdades à paróquia, à vizinhança ou à corporação dos artesãos por lealdades ao estilo do cidadão para com a totalidade abstrata e distante da nação e das leis da terra” (Id. Ibid., p. 114). Ao provocar uma cisão entre os negócios e o lar (separando definitivamente os produtores e suas fontes de sobrevivência), o capitalismo moderno liberou a busca pelo lucro, mas também rompeu vínculos morais e emocionais que uniam a família e os vizinhos. Destituídos os laços comunitários originais (descritos por Tönnies), duas tendências marcam, então, as relações globalizadas: 1) de um lado a tentativa de substituir o “entendimento natural” da comunidade por uma rotina artificialmente imposta e monitorada pelo ritmo industrial, uma tendência, portanto, abertamente “anticomunitária”; e por outro, a tentativa de criar uma nova forma de comunidade que pudesse ser administrada (BAUMAN, 2003, p36).

No entanto, mesmo que a idéia “original” de comunidade pareça ter sido desconstruída, o sentimento de pertencimento continua latente, ainda uma demanda da sociedade contemporânea, pois, hoje, mais do que nunca, precisamos daquele pequeno “ninho” idealizado de segurança e aconchego. Essa demanda é conduzida por dois grupos que se impõem: uma classe de poucos privilegiados, que detém o conhecimento e a competência (a *autoridade dos expertos*), e a comunidade dos “semelhantes na mente e no comportamento” (a *autoridade do número*) (BAUMAN, 2003, p. 61). Essas





duas grandes massas opostas e oponentes – resultado do processo de dismantelamento histórico da comunidade – criam, para substituí-la, um conceito de identidade, que tem como pressuposto a *diferença*: para ser diferente é preciso *aparecer*, e esse processo nos leva a ficar cada vez mais distantes de todos os demais. Como já dito, importa agora, mais do que nunca, “pertencer” e “aparecer”, não necessariamente nessa ordem.

Paradoxalmente, nunca estivemos tão próximos. Ao ampliar o mercado consumidor de modo a escoar a produção cada vez maior de mercadorias (cada vez mais descartáveis), a globalização e os avanços tecnológicos que vieram a reboque possibilitaram a relação comunicativa e a interconexão do mundo todo (via telefone, Internet, televisão, rádio etc). Ainda que o acesso e controle das novas tecnologias se mantenham restritos a uma minoria privilegiada da população mundial – reproduzindo, assim, o mesmo processo de exclusão perpetrado pelos meios eletrônicos de comunicação –, é inegável que nos proporcionaram a vivência de um “espaço mundial” em que “o mundo é transformado em aldeia e todas as direções são simultâneas em espaços deslocados”. (FERRARA, 2002, p. 11)

Como destaca FERRARA, se a globalização totaliza e padroniza, ela também faz brotar “genuínos sentimentos nacionais” e a necessidade de contrapor as identidades próprias como formas de resistência ao processo de estandarização. E desse processo de fragmentação das cidades, emergem os lugares, que não deixam de reproduzir as relações que se dão no macro (o País e o Mundo), mas o fazem a partir de uma lógica única, particular. (Id. Ibid., p. 13-15) Assim, os lugares são *diversidade*.

De imediato, a idéia da “cidade global” nos remete à megalópole, que *fixa*, apesar de estar sujeita aos *fluxos*; que é desconfortável, por trazer em si a dupla face ordem/desordem. Palestina, com pouco mais de 11 mil habitantes – menor portanto, que qualquer bairro em São Paulo, capital – não estaria, então, afeita à rigidez e à lógica hegemônica global? Poderíamos falar na diversidade palestinese ou em identidades que se constituem pela diferença? Ou, como questiona HALL (2003, p. 84), seria ainda possível ter um sentimento de identidade “coerente e integral”?

Visto do alto<sup>12</sup>, o *local* Palestina nos dá a idéia de simetria e equilíbrio. A partir da praça central da Igreja da Matriz estendem-se alguns poucos metros de ruas retilíneas e perpendiculares, numa sucessão de pequenas construções horizontais muito simples.

---

<sup>12</sup> Por imagens do *Google Earth*, por exemplo, ou sobrevoando a cidade.



São blocos aparentemente homogêneos, onde inexistem edifícios de pequeno ou médio porte que possam produzir qualquer tipo de “ruído”. A simetria e o equilíbrio parecem se estender também ao *lugar* Palestina. Não há grandes distâncias sociais, econômicas ou culturais na cidade: não há a presença dos muito *mais* ricos; todos freqüentam as mesmas escolas, clube, e estabelecimentos comerciais; todos recebem atendimento no mesmo posto de saúde; os mortos são enterrados no mesmo cemitério; e a Festa do Peão de Boiadeiro é a grande celebração coletiva anual.

Antes de mais nada, é preciso levar em conta que a identidade se constrói a partir da diferença, ou seja, da alteridade, do “estar em relação a outro”. Quando diz “eu levei uma dupla sertaneja que aqui tem ouvintes (...) para o pessoal de lá escutar”, Hadailton está, na realidade, se colocando em diálogo e se diferenciando em relação a um *outro*. Trata-se de um processo de constituição da própria identidade que se dá por meio do discurso. E, ao fazê-lo, seu ponto de partida não é um espaço geograficamente delimitado, mas o imaginário da cultura. “*Minha* cultura, *minha* localidade”.

Segundo HALL, é uma “fantasia” falar em identidades fixas e unificadas nas sociedades modernas, em função das transformações cada vez mais aceleradas a que estamos sujeitos, propiciadas pela globalização e pelos avanços tecnológicos. A interconexão dos pontos mais distantes e distintos do planeta redonda num bombardeio crescente de informações que nos levam a repensar permanentemente as práticas culturais e os relacionamentos humanos. Assim, as identidades são processos culturais, constantemente em construção, “produzidas em lugares históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”. (HALL, 2006, p. 109) E em sendo construídas dentro do discurso, “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”. (HALL, 2003, p. 13)

#### **4. Poléia FM e comunidades virtuais: alargamento ou transmutação de conceito?**

A comunidade viva (constituída e construída por identidades cambiantes em processos), que é Palestina, não se restringe à demarcação legal de 1km a partir da antena da Poléia FM (analógica), assim como parece não se conter na delimitação



geográfica do município. Ela teima em se expandir e ultrapassar os limites geográficos para alcançar antigos moradores que já se foram, mas mantêm laços de afeto com a cidade; os filhos e parentes, temporariamente ausentes; aqueles cujo interesse é suscitado por motivos os mais diversos (emocionais, financeiros, culturais etc.). A Poléia ganha o digital; apropria-se do ciber-espço, para configurar outros/novos lugares, agora *desterritorializados* e de *interação* (conforme o próprio Hadailton). Nesse sentido, ao buscar se readaptar e entrar uma nova linguagem, vive um processo de *radiomorfose* (PRATA, 2009).

A Internet é o meio que permite, pela primeira vez, a comunicação de “muitos para muitos”, a qualquer hora e lugar, e que “tornou-se a alavanca na transição para uma nova forma de sociedade – a sociedade de rede” (CASTELLS, 2003, p. 8). A facilidade de acrescentar novos nós a essa rede comprova o caráter aberto da arquitetura da Internet, e reforça o papel do usuário como *produtor* de tecnologia. As comunidades virtuais são fontes de valores sociais, que criam padrões de comportamentos e novas práticas, ao desenvolverem e difundirem formas e usos da Internet, como por exemplo, e-mail, bate papos etc. (Id. Ibid., p. 47-48).

No caso específico do rádio, “a migração para a rede fez com que o rádio identificasse no novo suporte características que o veículo não tinha, até então, condições físicas de ter (por ser o áudio o único suporte) e que eram exclusivas de outros meios”, entre as quais, a disponibilização de textos e de arquivos de áudio e vídeo, o uso de listas de discussão, de enquetes e de salas de bate-papo, possibilitando o aumento da participação da audiência na programação. (ALVES, 2004, p. 130)

De fato, desde o anúncio da criação da *www*, no início dos anos 1990, por Tim Bernes Lee, houve uma transformação radical nas possibilidades de relação entre as emissoras de rádio com os ouvintes e com os seus profissionais (radialistas): os ouvintes/internautas ganharam a chance de ampliar a participação na produção do conteúdo; os radialistas e as emissoras aprendem a conviver com um novo suporte que requer formas diferenciadas de estrutura física, de produção, distribuição e de circulação de conteúdo, e as questões éticas ganham outra dimensão (PAVLICK, 2000).

Por ser uma experiência recente, a Internet não possui a mesma capilaridade que o rádio no Brasil, mas já apresenta números vertiginosos. Segundo dados do Ibope Nielsen Online, no Brasil o acesso à Internet em qualquer ambiente (escola, residência,



trabalho, lan-houses, bibliotecas e telecentros) chegou a 67,5 milhões de pessoas com 16 anos ou mais de idade<sup>13</sup>, com um tempo de uso mensal (em casa e no trabalho, sites e aplicativos) superior a 69 horas. O brasileiro é hoje o maior consumidor individual do mundo de internet domiciliar, tanto em tempo de navegação como em média de páginas visitadas mensalmente.

Considerando, portanto, os limites de acesso à Internet no Brasil, mas também sua expansão, vejamos a configuração do site. A página é facilmente atualizável; é dinâmica e de fácil visualização e navegação. Disponibiliza três aplicativos diferentes para *streaming* de áudio (*Windows Media Player*, o *Real Player* e o *Winamp*), o que demonstra preocupação em atingir todo tipo de ciberouvinte, inclusive aqueles que não possuem um sistema operacional pago (proprietário), como o MacOs ou o Windows.

Além da possibilidade de ouvir em tempo real a programação que está sendo veiculada pela emissora, o ouvinte pode acessar os ícones que permitem: enviar mensagens e conversar em tempo real com a equipe da emissora MSN; deixar recados no Mural; participar da enquete (e, ao votar, conhecer o resultado); ver a Galeria de Fotos dos eventos da cidade; conferir a Programação completa da emissora e acessar a foto dos locutores de cada programa; e tem ainda um espaço próprio para pedido de música (sem que a mensagem apareça no mural), links para o Orkut e para o Youtube.

O ouvinte/internauta encontra cinco anúncios diferentes, todos com ligação direta com a localidade (três banners de empresas do comércio municipal, um link que remete à Câmara Municipal, e um outro que leva a uma usina de açúcar da região), o que mostra as marcas de referência dessa *comunidade geograficamente delimitada*.

E qual é a “comunidade” que se estrutura a partir da emissora na web? Se verificarmos o Mural vamos encontrar, em um ano (21/05/2009 a 20/06/2010), 50 recados postados, dos quais 16 deles são claramente identificados como ciberouvintes que se encontram em outras cidades e em outros Estados.<sup>14</sup> A imensa maioria, portanto, daqueles que postam mensagens parece possuir laços afetivos e *efetivos* com a comunidade geograficamente delimitada. Mas, há também ciberouvintes que buscam a emissora em função do estilo musical que ela apresenta – música sertaneja e de rodeio.

---

<sup>13</sup> Disponível em: [www.ibope.com.br](http://www.ibope.com.br). Dados publicados em 18/06/2010. Último acesso em 15/07/2010

<sup>14</sup> No último acesso (15 de julho de 2010), encontramos ouvintes do Paraná, Mato Grosso do Sul e da Bahia. No Estado de São Paulo: da capital, de Praia Grande, Tanabi, Paulo de Faria, Orindiúva, Fernandópolis, Sato Antonio do Aracanguá Piracicaba, Cajamar.



Há também um link para a página da rádio no site de relacionamentos do Orkut (com mais de 360 membros); e outro ainda para um canal da *TV Poléia* no Youtube, que oferece 24 vídeos diferentes com duração de 2 a 10 minutos. Se somarmos os acessos a todos os vídeos, chegaremos a um número que impressiona: os vídeos da TV Poléia foram vistos 35.067 vezes<sup>15</sup>. Os campeões de acesso são as entrevistas feitas com duas duplas sertanejas que se apresentam na cidade (alguns com mais de 3.500 visitas). O fato pode não gerar estranhamento se considerarmos que se tratam de duplas famosas no segmento. No entanto, podemos citar também um vídeo sobre a apreensão de drogas na cidade que ultrapassou 3.800 acessos; um vídeo com imagens de uma cachoeira situada no município, com quase 2.300 *views*; a visita a uma usina de açúcar e álcool da cidade, com mais de 6.100 acessos; ou ainda o vídeo com crianças cantando o Hino de Palestina, ao ar livre, na festa dos 71 anos da cidade, com 661 acessos.

Mas que tipo de interação teríamos com a Poléia *online*? Buscando compreender a questão, realizamos na praça da Igreja Matriz em Palestina, no dia 18 de julho de 2008, um levantamento simples de recepção, uma amostragem “piloto”, com um número reduzido de pessoas. Foram entrevistadas 8 pessoas (3 mulheres e cinco homens), com idade entre 14 e 17 anos. Metade dos entrevistados acessa a Internet 4 a 6 horas por dia (muito acima da média nacional, segundo o Ibope Nielsen). Os demais dispõem em torno de 3 a 4 horas por semana (um pouco abaixo da média nacional). Todos os entrevistados utilizam banda larga (2 deles na própria residência; 3 durante o trabalho, e outros 3 entrevistados em *lan-houses*). Somente duas pessoas ouvem mais a emissora pela Internet; a maioria (6 entrevistados) prefere ouvir pelo dial. Sobre o que o ciberouvinte mais gosta na Poléia *online*: um não soube responder; 3 gostam de ouvir música e notícias da cidade enquanto realizam outras atividades no computador; 2 pessoas preferem acessar as notícias locais e ver as fotos e eventos da cidade; um entrevistado gosta de participar da enquête; e uma pessoa prefere acessar a página do Orkut para trocar mensagens com amigos. Apesar da disparidade, há um fio condutor nas respostas: os entrevistados buscam se ver refletidos na RadCom; procuram o espelho da vivência cotidiana e sabem que esse espelho está no *outro*.

O levantamento também buscou descobrir as possibilidades de apropriação do que está na *web* e a transposição para a relação face a face, questionando *quais assuntos*

---

<sup>15</sup> Último acesso em 15 de julho de 2010.



*o ouvinte viu/ouviu na página da internet e comentou com familiares e amigos. As respostas surpreendem: apenas 2 entrevistados dizem nunca ter comentado nada que tivesse visto na página da Poléia; os demais costumam comentar temas que encontram na página da emissora: 3 pessoas costumam conferir as fotos dos eventos (Festa do Peão, Dia das Mães etc.) e discutir com os amigos e a família (quem estava, como as pessoas estavam etc.); 3 entrevistados preferem as entrevistas e vídeos da TV Poléia. Ou seja, há sinais claros da apropriação das imagens virtualmente expostas e a sua transposição para a relação que se dá face a face, nos níveis mais privados.*

Finalmente, para a questão em sentido contrário (*quais assuntos você ouviu de sua família e amigos e compartilhou na página da rádio na Internet ou no Orkut?*), 6 pessoas disseram nunca ter levado nada para a rede e 2 afirmaram que costumam enviar mensagens oferecendo música para os amigos. Em rede, isso significa interação e compartilhamento. Ou seja, a relação face a face é transposta e compartilhada no mundo virtual. Mas ainda podemos falar, quanto à Poléia *online*, em “comunidade espiritual”? Segundo COSTA, os critérios tönianos de solidariedade, parentesco e comunidade não podem ser mais considerados aspectos predominantes para se pensar uma comunidade, e sim “apenas alguns dentre os muitos padrões possíveis das redes sociais”, o que nos leva, portanto, a uma “transmutação” do conceito de comunidade. Para o autor, “estamos diante de novas formas de associação, imersos numa complexidade chamada rede social, com muitas dimensões e que mobiliza o fluxo de recursos entre inúmeros indivíduos distribuídos segundo padrões variáveis” (2005, p. 239). Nessa mudança de perspectiva, o papel das instituições é fundamental, pois elas “funcionam como mediadoras da interação social, uma vez que propagam valores de integração” (Id. *Ibidem*). E a associação comunitária que dirige a Poléia parece cumprir esse papel.

A rede não é concêntrica: ela se multiplica ao irradiar, mas não concentra. Aberta e virtualmente explosiva, a rede leva ao desenvolvimento de *lugares*, portanto ela *lugariza*, e não localiza. Nesse sentido, temos um *lugar* com a Poléia FM? Sim, temos. Apesar das dificuldades de desenvolvimento e atualização do conteúdo, o espaço está apropriado não mais por uma *comunidade* geograficamente delimitada, mas uma rede que se estende em nós. É um lugar de singularidade, onde alguns retornam para se (re)constituir e onde novos chegam para se (re)encontrar. E o que faz com que o espaço virtual da Poléia se *lugarize* é justamente o uso que o ciberouvinte faz dele: não apenas



ao ter possibilidade de interação e participação (o ato de enviar uma mensagem virtual, por exemplo), mas também no processo de apropriação, reconfiguração e transposição para a comunidade não-virtual dos discursos e imagens que encontra na *web*.

## 5. Referências Bibliográficas

- ALVES, Raquel P.A.S. *O Radiojornalismo nas redes digitais: um estudo do conteúdo informativo em emissoras presentes no ciberespaço*. 2004. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BOLTER, J.D.; GRUSIN, R. *Remediation: understanding new media*. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- COSTA, R. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva*. Interface – Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.235-248, mar/ago 2005.
- DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002.
- FERRARA, Lucrécio D'Alessio (org.) *Espaços Comunicantes*. São Paulo: Annablume, Grupo ESPACC, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Design em espaços*. São Paulo: Edições Rosari, 2002.
- FERREIRA, G.S. Nunes. *Rádios Comunitárias e Poder Local: estudo de caso de emissoras legalizadas da Região Noroeste do Estado de São Paulo*. 2006. 309 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Da Diáspora – Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- PAIVA, José Eduardo Ribeiro; FERREIRA, Daniela Carvalho M. *Além da Rádio: as mudanças que a internet provocou*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007 GT-Mídia Sonora.
- PAVLICK, John. *Journalism tools for the Digital Age*. In: 7º Fórum Mundial de Editores, Rio de Janeiro, 07. jun 2000.
- PRATA, Nair. *Webradio: novos gêneros, novas formas de interação*. Florianópolis: Insular. 2009. 256 p.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução de Lígia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidade e Sociedade – Textos selecionados*. In: MIRANDA, Orlando (org.). Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: EDUSP, 1995.
- TÖTTÖ, Pertti. *Ferdinand Tönnies, Um Racionalista Romântico*. In: MIRANDA, Orlando (org.). Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: EDUSP, 1995